Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

DISCÍPULOS DE EMAÚS (LC 24,13-35): memória e partilha

Wescley Paulo Pereira de Melo[1]

Introdução

Um dos grandes desafios da Igreja nos dias de hoje, é fazer com que as pessoas possam de fato ter uma experiência real com a Pessoa de Jesus, que a levem a um processo de conversão e adesão a Ele de maneira genuína e não somente por conveniência, em que se tenha a oportunidade de aprofundar verdadeiramente a fé em sua Palavra e em seu ensinamento.

Daí surge o seguinte questionamento: como fazer esse processo de conversão genuína dos corações e da mente das pessoas a Jesus numa sociedade permeada pelo secularismo? Para responder a essa questão, se faz necessário uma abordagem que venha de encontro a uma resposta clara, que possa responder aos anseios dos homens e das mulheres nos dias de hoje, de modo a fazer com que contemplem uma nova perspectiva em suas vidas.

A Bíblia possui uma riqueza de respostas que podem servir ao homem e a mulher de modo a conceder-lhes um novo ponto de vista para viverem sua fé. A mistagogia é uma das formas pelas quais, se pode aprofundar essa experiência espiritual, sendo um caminho catalisador para um processo de adesão e conversão a pessoa de Jesus Cristo. Esse método faz uso de uma ação contemplativa que conduz a uma prática de conhecimento e seguimento de Jesus.

A mistagogia se faz presente no contexto bíblico em ocasiões que fazem com que o ser humano possa ter uma experiência marcante com o sagrado, com Deus. Exemplo claro disso pode ser encontrado nos livros dos Reis no ciclo de dois profetas: Elias e Eliseu. A ação de Deus que age por meio desses dois profetas, demonstra que a fé é um elemento essencial para se viver os momentos de crise existencial e material, como também indicam que o sentimento de partilhar os dons de modo aberto e sincero, é um elemento construtor da vida e da fé.

Essa experiência de partilhar a vida é sentida com os discípulos de Emaús que caminham tristes, sem esperança com a morte de Jesus. No momento em que o Ressuscitado faz companhia a estes, cria-se um processo de reanimação

[1] Mestrando em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

da fé a ponto de fazer arder os corações e perceber Jesus na Partilha dos pães, numa verdadeira mistagogia por excelência.

Pensar a mistagogia em análises teológicas pode ser entendido como buscar uma compreensão mais analítica dessa esfera espiritual dentro do pensamento da Igreja, por meio de seus estudiosos e de seu magistério. A mistagogia nessa perspectiva se torna um caminho a ser conhecido e trilhado, onde aqueles que se debruça verdadeiramente a sua aplicação, tem condições reais de contemplarem Jesus em sua vida.

A dimensão da partilha no Antigo Testamento

Nesta parte se fará uma investigação sobre a dimensão bíblica da partilha presente no Antigo Testamento, buscando identificar como a vivência da fé do povo de Israel, se fazia presente por meio gestos e ações de Deus, conferindo significado, fé, partilha e unidade para o povo judeu em momentos decisivos da história. A reflexão será feita por meio de dois textos que conferem uma visão de partilha e de vivência na fé que são: 1Rs 17,7-15; 2Rs 4,42-44, os quais serviram como base de reflexão.

No Antigo Testamento, se percebe alguns textos que demonstram a dimensão da partilha como uma forma de demonstrar a presença de Deus que se faz no meio da comunidade reunida, em que por meio da partilha não só dos alimentos, mas principalmente da vida, do trabalho, das esperanças e da caminhada, Deus se faz presente no meio de seu povo. É por meio deste gesto central que o povo de Israel, pode perceber a importância de ser viver como irmãos dentro de um clima de fraternidade.

É também em momentos de crise, ou seja, em momentos difíceis que o poder e ação de Deus se manifestam para aas pessoa que possuem não somente fé nele amais que seguem os seus preceitos, mesmo quando a situação parece difícil de ser resolvida. No contexto bíblico, se pode perceber algumas dessas situações, em que a partilha num momento de dificuldade pode parecer algo inviável, porém, somos convidados a fazer esse gesto de amor e dedicação ao próximo, pois a partilha só tem sentido na relação eu-tu e Ele (Deus).

Um exemplo claro pode ser percebido, quando o profeta Elias, se encontra com uma viúva, estrangeira, que mesmo não seguindo a religiosidade do

povo de Israel, ela acredita na palavra do profeta e se põe a partilhar com ele o pouco que tem:

> Depois de certo tempo, a torrente secou, porque não chovia mais na terra. Então a palavra de Iahweh lhe foi dirigida nestes termos: “Levante e vai a Sarepta, que pertence a Sidônia, e lá habitarás. Eis que ordenei lá a uma viúva, que te dê o sustento”. Ele se levantou e foi a Sarepta. Chegando a porta da cidade, eis que estava lá uma viúva apanhando lenha; chamou-a e disse: “Por favor, traze-me num vaso um pouco d’água para eu beber!” Quando ela estava indo para buscar a água, ele gritou: “traze-me também um pedaço de pão na tua mão! ” Respondeu-lhe ela: “Pela vida de Iahweh, teu Deus, não tenho pão cozido; tenho apenas um punhado de farinha numa vasilha e um pouco de azeite na jarra. Estou juntando uns gravetos, vou preparar esse resto para mim e meu filho; nós o comeremos e depois esperaremos a morte”. Mas Elias lhes respondeu: “Não temas. Vai e fazes como dissestes. Mas primeiro prepara-me com o que tens um pãozinho e traze-mo; depois prepararás para ti e para teu filho, pois assim fala Iahweh Deus de Israel: “A vasilha de farinha não esvaziará e a jarra de azeite não se acabará, até o dia em que Iahweh enviar chuva sobre a face da terra”. Ela partiu e fez como Elias dissera, e comeram, ela, ele, e sua casa, durante muito tempo. A farinha da vasilha não se esvaziou e a jarra de azeite não se acabou, conforme a predição que Iahweh fizera por intermédio de Elias (1Rs 17,7-15).

Alguns pontos chamam a atenção nesse texto. Primeiro, Deus que ordena que o profeta Elias saia de seu local e se dirija a uma cidade chamada Sarepta. Geograficamente, Sarepta é uma cidade que ficava ao norte do Reino de Israel, na região da Fenícia, ou seja, era uma localidade que ficava fora dos limites geográficos de Israel e de Judá, a viúva nesse caso, era uma estrangeira.

Segundo, Deus envia o profeta para conviver um período com uma mulher que não pertencia à genealogia do povo eleito. Aqui se pode perceber duas características que chamam a atenção. O profeta se encontra com uma mulher estrangeira, o que dentro da mentalidade judaica da época era uma situação que receberia críticas, pois, o estrangeiro era visto em segundo plano, no que diz respeito a religiosidade da época. Outro fator a ser destacado é que a viúva mesmo em dificuldade, “Estou juntando uns gravetos, vou preparar esse resto para mim e meu filho; nós o comeremos e depois esperaremos a morte”, ela se põe a ouvir o profeta e confiar na sua palavra.

Confiando na Palavra de Deus dita pela profetisa de que “A vasilha de farinha não esvaziará e a jarra de azeite não se acabará, até o dia em que Iahweh enviar chuva sobre a face da terra”, ela toma atitude de partilhar o pouco que tem com Elias. Tal situação demonstra que a partilha é uma forma pela qual as pessoas podem viver de maneira comunitária, em que se deve ter essa atitude de acolher ao outro e colocar em comum os dons que são dados por Deus.

Esse texto demonstra a fé de uma mulher viúva e estrangeira que na época era bastante discriminada não tendo uma inserção na sociedade, pois, a cultura do período fazia dela uma espécie de pessoa excluída da vivência social, pelo fato de seu estado civil e de sua naturalidade. A viúva era vista como um cidadão de segunda, terceira classe. Deus por meio do profeta Elias, demonstra sua capacidade de redimir as pessoas e de ir contra os preconceitos da visão social do tempo, demonstrando que a atitude de gentileza, cortesia e partilha, são sinais de sua presença viva e atuante.

O texto ainda no ensina que mesmo vivendo em certa comodidade e isolado, ainda assim o ser humano vive de modo incompleto, pois, muitos da corte do rei e o próprio rei, que eram a elite do tempo, mesmo tendo muitos bens materiais, não tinham um elemento básico para a vida que era a água e com a falta dela, se originava a fome. No entanto, a viúva em sua simplicidade, abertura e fé, obteve o dom de ter alimento no seu dia a dia até o momento da chuva.

Neste texto se tem a possibilidade ver com olhares da fé novos paradigmas com relação a questão social que está bastante esquecida nos dias de hoje. Não é pelo acúmulo de bens, não é por meio do individualismo ou ainda da influência que se pode ter uma vida blindada de problemas. Mas, a convicção de que a vivência em comunidade é a forma pela qual o ser humano tem mais condições de viver em dignidade, fraternidade e justiça.

A mistagogia presente no texto está em saber contemplar a vida na perspectiva da fé na providência divina que mesmo não sendo percebida de antemão, vai agindo na vida da pessoa, tendo sempre uma resposta para um problema vivido. É nessa situação que, se deve aprender a olhar o mundo na perspectiva do olhar de Deus, que sempre ampara aos que dele necessitam.

Outro texto que aborda esse tema se encontra no segundo livro dos reis, em que o profeta Eliseu também vive um momento semelhante ao anterior:

> Veio um homem de Baal-Salisa e trouxe para o homem de Deus pão das primícias, vinte pães de cevada e trigo novo em seu alforge. Eliseu ordenou: “Oferece a esta gente para que coma”. Mas seu servo respondeu: “Como ei de fazer isso para cem pessoas?” Ele repetiu: “Oferece a esta gente para que coma, pois assim falou Iahweh: ‘comerão e ainda sobrará. ’ ” Serviu-lhos, eles comeram e ainda sobrou, segundo a palavra de Iahweh (2RS4,42-44).

Eliseu que era discípulo de Elias, sucede-o no ministério profético, dando continuidade a missão da profecia de estar junto do povo e de mostrar para o povo a

Palavra de Deus. O texto começa com o surgimento de um personagem sem nome cujo o que se sabe dele é sua localidade Baal-Salisa. Pouco se sabe dessa cidade, porém, acredita-se que ela fica próximo a Guilgal (2Rs 4,38), a sudeste do Reino de Judá.

Na perícope anterior (2 Rs4,38-42), se percebe que no período a fome assolava a região, Eliseu estava presente nela, observando que as pessoas, diante da grande necessidade, viviam do que podia ser adaptado para matar a fome. Um fato curioso se dá no momento quando um irmão profeta faz uma sopa com ervas danosas a saúde e Eliseu joga farinha, afim de conter o efeito danoso da sopa de coloquíntidas[2]

Interessante que o texto começa com o surgimento desse homem, o qual traz o pão das primícias, ou seja, os primeiros frutos da colheita que na cultura judaica, representa a festa do *Shavuot.* emm seu alforje. Mais uma vez, se percebe a participação de um personagem estrangeiro no texto bíblico, que se insere num momento que pode ser visto como importante, pois, são os pães trazidos por ele que se fará a primeira multiplicação dos pães por meio do profeta Eliseu mais ou menos no período de rei Josafá rei de Judá (870-848) e de Jorão rei de Israel (852-841).

Eliseu ao receber esses pães manda que esses sejam partilhados com os demais, ao que seu servo o indaga dizendo: “Como ei de fazer isso para cem pessoas? ” Já o profeta repete a primeira ordem: “Oferece a esta gente para que coma, pois assim falou Iahweh: ‘comerão e ainda sobrará.’ ” O texto mostra certa conflito de visão entre o profeta e seu ajudante. No entanto, Eliseu olha com o olhar da fé, em Deus, sabendo que dele procede o dom da partilha.

Todos ficaram saciados com o que foi partilhado e consumido. A mística aqui está em saber que a comunidade mesmo tendo pouco provento, ela pode por meio de sua fé e de seu sentimento de partilha, fazer multiplicar os dons, a convivência, a fraternidade, o amor. Esses são os valores que devem reger a vida de todo aquele que crê em Deus.

O texto tem como ensinamento essa mistagogia dentro da vivência comunitária, a qual só tem sentido quando é vivida numa perspectiva de interação entre seus membros, em que eles podem interagir e construir os fundamentos da vivência em comunidade, onde a fé é o elemento central. Nesta vivência deve-se ter

[2] Cf. Bíblia de Jerusalém, coloquíntida é um fruto amaríssimo de forte efeito purgativo.

o sentido de que todos podem ajudar-se mutuamente, vivendo a vida do próximo, entretanto, guardando sua particularidade, mas que no convívio fraterno todos devem ser um só coração e uma só alma. (cf At 4,32).

A memória e partilha dos discípulos de Emaús

Nesta segunda parte se desenvolve uma reflexão sobre a passagem do evangelho de Lucas que narra sobre os discípulos de Emaús, que caminham com o Senhor no retorno a casa. Essa passagem é bastante significativa, pois por meio dela se pode tirar alguns ensinamentos importantes para a vida de fé tanto pessoal como comunitária. Jesus está sempre presente na vida e na missão de cada um. Basta que se tenha o olhar de fé para poder enxergar os seus valores e ensinamentos.

Um texto bastante significativo com relação a uma abordagem mistagógica é o texto de Lc 24,13-35[3], o qual se tem a caminhada de Jesus Ressuscitado com os dois discípulos que estavam andando tristes e desenganados da vida, dos projetos de Jesus e da nova forma de entender a vida e religião. Contudo, essa caminhada não é um caminho de desesperança, antes é um transcurso para aprofundar a fé no conhecimento da Pessoa de Jesus Cristo.

A passagem dos discípulos de Emaús (24, 13 – 35) tem muito ensinamento para poder aprofundar numa perspectiva mistagógica:

> E eis que, nesse mesmo dia, dois deles dentre eles se dirigiam para uma aldeia chamada Emaús. A duas horas de viajem de Jerusalém. Eles falavam entre si todos esses acontecimentos. Ora enquanto falavam e discutiam um com o outro, o próprio Jesus os alcançou e caminhava com eles: mas os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer. Ele lhes disse: “Quais são as palavras que estais trocando ao caminhar? Eles pararam, com o ar sombrio. Um deles chamado Cléofas, lhes respondeu: tu és o único homem de passagem por Jerusalém que não tenha sabido o que se passou por esses dias!” – “Que foi?”, disse ele. Eles lhes responderam: “O que concerne a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em atos e palavras diante de Deus e diante de todo o povo: como os nossos sumos sacerdotes e os nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram; quanto a nós, nós esperávamos que ele seria o que devia libertar Israel. Mas com tudo isso, já é o terceiro dia que esses fatos se deram. Entretanto, algumas mulheres que são dos nossos, nos assustaram: tendo ido de madrugada ao túmulo e não tendo encontrado o seu corpo, elas vieram dizer que tinham tido mesmo a visão de anjos que declararam ele estar vivo. Alguns de nossos companheiros foram ao túmulo e o que

[3] Aqui não se fará uma citação direta de toda a perícope, mas dividi-la em duas partes principais, para fazer um bom processo de análise.

> acharam era conforme o que as mulheres haviam dito; quanto a ele, porém, não o viram". (Lc 24,13-24).

Aqui nessa passagem se pode perceber um momento de encontro. Jesus encontra os discípulos pelo caminho. Observa-os e vê que ambos se encontram em estado de tristeza pelo que tinha se sucedido. Jesus os indaga para então perceber como estão os corações destes discípulos, a fim de se ter uma noção da maneira que viam e sentiam a sua pessoa e o evento da crucificação. A ação de Jesus é de tentar captar como eles interpretavam o acontecimento de sua morte.

Em um momento de crise existencial ou de fé, muitas vezes se chega a questionar a própria fé, a existência de Deus, e o seu poder sobre a humanidade. Porém, mesmo nesse período sombrio que cada ser humano pode passar, o mesmo é convidado para se ter um outro olhar sobre o evento da vida e de seus percalços. Pois, a crise pode ser entendida como um momento de alerta, em que se deve ter mais atenção ao que é entendido como mais importante e fundamental na vida.

Jesus é o amigo de caminhada, Aquele que é o Deus presente na vida do fiel, que sempre o acompanha nos seus momentos de dificuldades, ajudando-o a compreender os fatos e fazendo com que busque novos caminhos de vivenciar a vida e a fé:

> Jesus designou-Se a Si mesmo como «luz do mundo» (Jo 8,12), e esta sua propriedade aparece bem evidenciada em momentos da sua vida como a Transfiguração e a Ressurreição, onde refulge claramente a sua glória divina. Diversamente, na Eucaristia a glória de Cristo está velada. O sacramento eucarístico é o «*mysterium fidei*» por excelência. E, todavia, precisamente através deste sacramento da sua total ocultação, Cristo torna-Se mistério de luz, mediante o qual o fiel é introduzido nas profundezas da vida divina. Com uma feliz intuição, o célebre ícone da Trindade de Rublëv coloca significativamente a Eucaristia no centro da vida trinitária (MANE NOBISCUM DOMINE, 2017, n. 11).

Os fiéis podem ter em Jesus a motivação necessária para vencer os obstáculos da vida, em que se observa claramente na vida de Jesus passagens significativas, demonstrando a glória de Deus. Uma das formas dessa presença de Deus é pela eucaristia, que na condição de mistério de fé, ela se torna também a certeza de que a vida pessoal do fiel deve estar unida a vida comunitária, representada pela Trindade Santa, a qual é a mais perfeita comunidade.

Jesus em sua vida terrena soube ir ao encontro dos mais necessitados, daqueles não tinham valor algum dentro de uma sociedade excludente. Jesus lança sobre esses excluídos, o olhar misericordioso do Pai que não esquece a nenhum de seus filhos, antes vai ao encontro destes. Hoje em dia as pessoas mesmo não

estando mais presente fisicamente, as pessoas podem encontrar Jesus de modo especial na eucaristia.

A eucaristia também representa essa situação em que dá forças para as pessoas que se encontram em momento de crise de fé, pois

> A Eucaristia é luz antes de mais nada porque, em cada Missa, a liturgia da Palavra de Deus precede a liturgia Eucarística, na unidade das duas «mesas» — a da Palavra e a do Pão. Esta continuidade transparece já no discurso eucarístico do Evangelho de João, quando o anúncio de Jesus passa da apresentação fundamental do seu mistério à ilustração da dimensão eucarística propriamente dita: «A minha carne é, em verdade, uma comida e o meu sangue é, em verdade, uma bebida» (Jo 6,55). Sabemos que foi esta dimensão que fez entrar em crise grande parte dos ouvintes, induzindo Pedro a fazer-se porta-voz da fé dos outros Apóstolos e da Igreja de todos os tempos: «Senhor, para quem havemos nós de ir? Tu tens palavras de vida eterna» (Jo 6,68). Na narração dos discípulos de Emaús, o próprio Cristo intervém para mostrar, «come- çando por Moisés e seguindo por todos os profetas», como «todas as Escrituras» conduzem ao mistério da sua pessoa (cf. Lc 24,27). As suas palavras fazem «arder» os corações dos discípulos, tiram-nos da obscuridade da tristeza e do desânimo, suscitam neles o desejo de permanecer com Ele: «Fica conosco, Senhor» (Cf. Lc 24,29) (MANE NOBISCUM DOMINE, 2017 n. 12).

A eucaristia é uma celebração da vida em que Jesus está presente na fé de sua comunidade reunida em seu nome, onde se faz a memória de suas ações, gestos e palavras (Liturgia da Palavra), e depois se participa da partilha de sua ceia (Liturgia eucarística). Essas são as duas partes principais do rito. Nesse rito sagrado, se tem a condição mística de se comer e beber da carne e sangue do Senhor. Estando assim em comunhão com Ele. Essa ação da liturgia só terá efeito claro quando penetrar diretamente nos corações dos fiéis, fazendo-os perceber o desejo de agir igual ao Mestre.

É despertar a fé mesmo não tendo a certeza material do que aconteceu (cf. Lc 24,24), mas se debruçar sobre esse olhar de fé, que conduz a vida para os caminhos do Senhor. A busca da compreensão do que acontece na vida também é um dever do cristão que não deve ser um alienado, mas deve buscar fundamentar sua visão, nas ações que Jesus fez durante a sua vida e no exemplo deixado por ele.

A inteligência também é um pressuposto para poder viver a fé em Jesus. Não se pode ter fé somente de uma forma passional, ela também deve ser pautada por nossa inteligência e capacidade de compreender os fatos que se dão na caminhada histórica da vida da pessoa humana da Igreja e da sociedade.

Na segunda parte da narrativa dos discípulos de Emaús se percebe que Jesus questiona isso com os discípulos:

> Ele então lhes disse: “Espíritos sem inteligência, corações tardos para crer tudo o que os profetas declararam! Não era preciso que o Cristo sofresse isso para entrar na sua glória? ” E começando por Moisés e todos os profetas, ele lhes explicou em todas as escrituras o que lhe concernia. Eles se aproximaram da aldeia para onde se dirigiam, e ele fingiu que ia prosseguir. Os dois insistiram com ele, dizendo: “Fica conosco, pois a tarde está caindo e o dia já começa a declinar”. E ele entrou para ficar com eles. Ora, quando se pôs à mesa com eles, tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e lhes deu. Então os seus olhos se abriram e eles o reconheceram, depois ele se lhes tornou invisível. E disseram-se um ao outro: “Não ardia em nós o nosso coração quando ele nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras? No mesmo instante, eles partiram e voltaram para Jerusalém; encontraram os Onze e seus companheiros, que lhes disseram: “É verdade! O senhor ressuscitou e apareceu a Simão”. E eles contaram o que se passara no caminho e como eles o haviam reconhecido na fração do pão (Lc 24,25-35).

Jesus no momento em que caminha com os discípulos de Emaús, faz uma crítica a falta de entendimento deles com relação as escrituras, colocando que eles, ainda não entendiam os planos de Deus com relação a sua morte e ressurreição. Neste sentido, faz uma breve catequese com eles, explicando todos os eventos começando pela torá e passando pelos profetas. Essa ação de Jesus de fazer memória da ação de Deus na história, faz com que eles tenham uma nova visão da ação divina na história.

É nesse sentido que as palavras de Jesus encorajam os discípulos a assumirem sua missão dentro da comunidade, estando assim preparados para ação de evangelizar, de anunciar Jesus Cristo ressuscitado aos que sofrem.

> É significativo que os dois discípulos de Emaús, devidamente preparados pelas palavras do Senhor, O tenham reconhecido, quando estavam à mesa, através do gesto simples da «fração do pão». Uma vez iluminadas as inteligências e rescaldados os corações, os sinais «falam». A Eucaristia desenrola-se inteiramente no contexto dinâmico de sinais que encerram uma densa e luminosa mensagem; é através deles que o mistério, de certo modo, se desvenda aos olhos do crente (MANE NOBISCUM DOMINE, 2017, n. 14).

Jesus, fazendo essa memória ajuda os discípulos a despertarem essa visão mistagógica, de sua pessoa por meio da compreensão do plano da salvação, dentro da Sagrada Escritura. Então eles quando conversaram, sentiram o coração arder no momento em que Jesus lhes explicava as escrituras. Aqui é um ponto central no que diz respeito a uma ação da mistagogia, pois, ela deve fazer com que o fiel possa olhar com os olhos da fé Jesus ressuscitado, mas também deve estar em conexão com o sentimento da pessoa humana, fazendo com que os corações ardam com o desejo de conhecer e seguir Jesus.

Para isso, se deve conhecer bem a pessoa de Jesus para poder falar dele com propriedade, sem nenhum tipo de roupagem de sua pessoa. É justamente nessa ocasião que se deve ter um sendo de aprofundamento de sua pessoa:

> A partir deste ponto podemos realmente compreender a figura de Jesus, tal como encontramos no Novo Testamento, tudo o que nos é contado em palavras, ações, sofrimentos, na glória; tudo isso está ancorado aqui. Se omitirmos esse autêntico centro, passamos ao lado da figura autêntica de Jesus; então ela se torna contraditória e, em última análise, incompreensível. [...] A reação de seus ouvintes era clara: essa doutrina não tem origem em nenhuma escola. Ela é totalmente diferente do que se aprende nas escolas. [...] A doutrina de Jesus não vem da aprendizagem humana, seja ela de que espécie for. Ela vem do contato direto com o Pai, com o diálogo "face a face", da visão Daquele que repousa no seio do Pai. Ela é a palavra do Filho. Sem essa base interior, ela seria temeridade (BENTO XVI, PAPA 2007, p. 25).

Compreender a pessoa de Jesus só pode ser uma ação pautada no evangelho e na vida. Não se pode ter esse conhecimento de Jesus somente por meio de formas subjetivas de sua pessoa. Deve-se conhecer o Jesus bíblico, ter os olhos voltados para as suas ações, palavras e gestos, que falam e comunicam a sua pessoa aos homens e mulheres de seu tempo, como para os homens e mulheres dos tempos atuais. Só assim é que se pode fazer uma experiência mistagógica de sua pessoa que entra por meio da fé na vida de cada homem e mulher. A experiência do conhecimento e seguimento de Jesus deve nortear a vida do cristão para que esse possa se fazer uma pessoa melhor, mais comprometida com o bem das pessoas excluídas e marginalizadas, com o bem da sociedade. Nesse sentido, é que se deve realizar uma mística que contemple o verdadeiro sentido de ser cristão nos dias de hoje.

Ter esse exercício de uma catequese mistagógica se faz oportuno pelo fato de hoje se ter muitas igrejas que deturpam a mensagem do evangelho e da pessoa de Jesus, fazendo um comércio religioso, de forma que se paga "para ter os milagres e curas de Jesus" com uma propaganda de Jesus que não insere dentro do que realmente os evangelhos querem transmitir. Esses evangelizadores do comércio muitas vezes afastam as pessoas de um conhecimento claro de quem foi Jesus na perspectiva bíblica e mistagógica.

Análises teológicas da mistagogia

Nesta parte se faz uma investigação sobre a mistagogia numa perspectiva variada, tomando a opinião de autores, como também fazendo

referências sobre obras do magistério da Igreja, para realizar uma investigação mais fundamentada da dimensão mistagógica no pensamento da teologia da Igreja.

Como se sabe, os livros por excelência que falam da vida de Jesus, desde o seu nascimento, sua missão, sua morte e ressurreição, são os evangelhos canônicos[4] de Mateus, Marcos, Lucas e João. Eles são a base para se ter o conhecimento da pessoa de Jesus Cristo, dando a conhecer suas ações e seus ensinamentos. São os livros basilares do cristianismo, centro da liturgia e da catequese da Igreja.

É o que prescreve a Constituição Dogmática Dei Verbum, a qual coloca que

> Ninguém ignora dentre todas as Escrituras, mesmo do Novo Testamento, os evangelhos têm o primeiro lugar, enquanto são o principal testemunho da vida e doutrina do Verbo Encarnado, nosso Salvador. A Igreja defendeu e defende sempre em toda a parte a origem apostólica dos quatro evangelhos. Com efeito, aquelas coisas que os apóstolos, por ordem de Cristo pregaram, foram depois, por inspiração do Espírito Santo, transmitidas por escrito por eles mesmos e por homens de seu grupo, como fundamento da fé, ou seja, os quatro evangelhos. Segundo Mateus, Marcos e João (DEI VERBUM, 2007, n. 18).

A Igreja em sua disposição tem a condição de resguardar a fé a ela confiada. Deste modo, ela possui o dever de administrar a verdade de fé contida nos evangelhos e sua autenticidade com relação ao relato da vida de Jesus Cristo. Por esse motivo são o coração da vida litúrgica, uma vez que tudo se celebra tendo estes livros como o centro da pregação, devoção e fé cristã.

Dentre as pastorais da Igreja duas se destacam como lugar privilegiado da ação e pregação e reflexão do evangelho que são a catequese e liturgia. Essas duas pastorais se complementam no que diz respeito aos evangelhos, pois uma tem ação dentro de outra, de modo que se catequiza celebrando, e se celebra catequizando. Essas duas esferas da Igreja também são lugares interessantes para se fazer uma ação mistagógica.

A ação litúrgica tem sua fonte na Sagrada Escritura, pois, é por meio da liturgia que Deus continua falando a seu povo:

> Considerando a Igreja como "*casa da palavra*", deve-se antes de tudo dar atenção à Liturgia Sagrada. Esta constitui efetivamente, o âmbito privilegiado onde Deus nos fala no momento presente de nossa vida: fala hoje ao coração de seu povo, que escuta e responde. Cada ação litúrgica

[4] A palavra cânon significa vara, metro, medida. Os evangelhos canônicos são considerados dentro de uma medida correta, no âmbito da fé para falarem da vida de Jesus e sua missão na terra.

> está por natureza impregnada a Sagrada Escritura (VERBUM DOMINI, 2010, n. 52)

A pastoral da liturgia é uma pastoral importante dentro da Igreja, pois, ela ajuda o povo a celebrar a vida de Jesus e seus ensinamentos dentro da vida de cada membro da comunidade reunida, que por meio de sua fé, se reúne para ouvir da Palavra e se nutrir da eucaristia. Essa ação tem um caráter comunitário e pedagógico no que diz respeito ao aprendizado das verdades de fé. Por ela se pode vivenciar o ensinamento da fé.

É na liturgia ainda que se pode se alimentar da eucaristia, do corpo e sangue de Jesus nesse sentido uma celebração é considerada litúrgica

> Quando se faz subir ação de graças (tradução do termo “Eucaristia”) para o coroamento da vida de Jesus, para o momento no qual, antes de ser condenado à morte, ele reuniu seus amigos para uma refeição. Durante a Ceia, ele inverteu o sentido dos acontecimentos nos quais se achava preso; quando ia se entregar no sentido de ser traído, ele mesmo se entregou, no sentido que se despojou de sua vida por amor a Deus seu Pai e por amor a seus amigos. E encerrou as palavras e os gestos particulares dessa refeição dizendo: “Fazei isto em memória de mim”. A celebração eucarística consiste fundamentalmente na obediência a essa ordem de Jesus e na tomada da ação da última Ceia, na noite em que ele foi entregue; a Eucaristia é celebrada para que hoje os cristãos possam unir-se a Jesus Cristo em sua passagem da morte para a Ressurreição e para encontrar nele o dinamismo de sua existência (BROUARD, 2006, p. 433-434).

Por meio da ação litúrgica se pode contemplar com os olhos da fé a pessoa de Jesus que age dentro de uma celebração no aqui e agora, ele fala para a assembleia por meio dos leitores e do presidente da celebração numa ação mistagógica, em que se escuta a Palavra e se alimenta da eucaristia. A memória da entrega de Jesus, a sua morte e ressurreição que são celebradas, é um indicativo de sua resposta a fidelidade do projeto de Deus, que para os cristãos não tem um sentido vago, mas é também uma espera de sua segunda vinda, sua volta para o mundo.

Essa mística pode e deve ser aprofundada, na medida em que se busca conhecer Jesus de forma contemplativa dentro de uma experiência existencial, que confere uma nova forma de viver para a pessoa humana, que a faz sair de si para ir ao encontro de Jesus na Pessoa do outro, do necessitado.

São Francisco é uma dessas pessoas que soube bem em vida, fazer esse meio de contemplação de Jesus de uma forma plena, pois,

> O Santo de Assis expressa sua relação com Jesus Cristo, razão de seu viver, com uma notável riqueza de termos, de origem bíblica e litúrgica, que são normais e correntes na tradição e na vida da Igreja de seu tempo. Ele se aproxima de Jesus na riqueza e complexidade de seu ministério,

> contemplando-o, invocando-o e nomeando-o, ao mesmo tempo em sua dimensão divina “alta”, e em sua dimensão divina “baixa”, humana. Assim, Jesus Cristo é o Verbo, o Filho do Pai, o Senhor e o Criador, o Unigênito do Pai, o Redentor, o Salvador divino; ao mesmo tempo, é verdadeiro homem de carne frágil, pobre, humilde, peregrino, hóspede, servo de Deus e do home em sua vida, paixão e morte; o orante e intercessor dos homens diante do Pai, seu pastor e bispo que um dia na paixão, com o despojamento radical de sua vontade, deixou tudo nas mãos de Deus Pai para realizar a salvação dos homens (IAMMARRONE, 2005, p. 164).

O cristão a exemplo de São Francisco deve nutrir sua fé e mistagogia em Jesus de uma forma real, em que se perceba uma aproximação e conhecimento de sua Pessoa, de modo a manifestar de maneira prática em sua vida. Deve-se para isso ter um espírito de humildade, que esteja aberto para a ação de Jesus em sua vida e em seu ser, em que se despoja de seu eu, e deixa que os mesmos pensamentos e sentimentos de Jesus possam ser a referência de sua vida, numa perspectiva contemplativa.

Já a pastoral da catequese tem como função instruir, na fé, se tornando uma pedagogia da fé, a qual complementa ação litúrgica, onde a catequese é,

> Um momento importante da animação pastoral da Igreja, onde se pode sapientemente descobrir a centralidade da palavra de Deus, é a catequese, que nas suas diversas formas e fases, sempre deve acompanhar o povo de Deus. O encontro dos discípulos de Emaús com Jesus descrito pelo evangelista Lucas (Lc 24, 13-35) representa em certo sentido o modelo de uma catequese em cujo centro está a “explicação das Escrituras, que somente Cristo é capaz de dar (cf. Lc 24, 27-28), mostrando o seu cumprimento em Si mesmo. Assim renasce a esperança, mais forte do que qualquer revés, que faz daqueles discípulos testemunhas convictas e credíveis do Ressuscitado (VERBUM DOMINI, 2010, n. 74).

A catequese tem essa função de amadurecer a fé do cristão. Por meio dela compreendem-se as principais verdades da Igreja e conhecer mais profundamente Jesus Cristo. A exemplo dos discípulos de Emaús que se encontram com Jesus, ela deve fazer com que o coração dos catequizando possa arder, ao ouvir as passagens que falam da Pessoa do Salvador. Ela também é convidada a fazer um processo de mistagogia, em que se dá condições para que os catequizandos possam olhar com a olhos contemplativos a pessoa de Jesus.

A fé cristã possui um caráter cristológico, uma vez que Jesus é o centro da vida e da ação da Igreja, que vive Nele e por Ele sua ação e vida. Entretanto, Jesus não age como um termo isolante, a adesão de fé a Ele, não impede que se tenha uma relação com o Pai, pois Ele é o caminho que conduz a Deus.

> A fé cristã, portanto, é de maneira central fé em Jesus, o Cristo, orientação por Ele, relação com Ele e confissão com dele. É que ele dá acesso à relação correta de confiança com Deus e à relação verdadeiramente

> humana e solidária com o se seres humanos e as demais criaturas. Ele é o caminho para Deus e para a salvação (cf. At 4,12; Jo 4,16) é o caminho, não o alvo: *per christum in Deum* (através de Cristo para Deus). A cristologia constitui o centro da teologia, mas não é a sua totalidade (KESSLER, 2012, p. 220).

A opinião do autor vai de encontro com a realidade da pessoa de Jesus no plano do seguimento de Deus. Jesus é o centro da vida do cristianismo, é o caminho que conduz a fé no Deus criador. Sua Pessoa tem uma importância ímpar dentro do plano da redenção, pois conduz todos ao fim último que são chamados que é Deus. Nesse plano pode-se entender que Jesus é de fato o ícone central da Teologia e da fé cristã, no entanto, é também parte componente de uma totalidade, que é Deus.

O conhecimento de Jesus numa perspectiva mistagógica não deve ter uma relação egoísta somente eu e Jesus, essa é apenas uma das formas de viver essa experiência. As pessoas que já tem essa condição, devem também instruir a outras pessoas a terem essa experiência profunda e pessoal com Jesus Cristo. Só assim é que a mistagogia terá uma função autêntica dentro da vivência eclesial e espiritual de todos os que demonstram sua fé e que fazem a vida da Igreja, enquanto comunidade de fé.

Considerações finais

Diante do que foi debatido no decorrer desse trabalho se tem algumas opiniões que se expressam como conclusões do presente artigo em que se pode fazer as seguintes considerações:

A mistagogia na dimensão bíblica do Antigo Testamento tem dois elementos principais que são o sendo de abertura e a partilha dos dons como forma de se fazer uma experiência concreta com o Deus de Israel que fala com seus servos e se faz presente até na vida de pessoas que estão fora dos domínios político e religioso de Israel. É um Deus que se faz presente na vida dos que estão abertos e possuem a capacidade de aderir ao seu projeto de partilha e de fé, independentemente de sua condição política e social.

Em Elias se percebe a presença de Deus com o olhar da fé que não vê a falta de provento como empecilho para que se faça uma partilha do que se tem sincera, sem medo guardar para si, de forma egoísta o dom que deve ser partilhado. Só assim se pode abrir os corações para uma nova forma de entender a fé.

Em Eliseu pode-se perceber a disposição de partilha de um homem estrangeiro, que oferece o fruto das primícias para serem oferecidos e multiplicar a convivência fraterna dos irmãos profetas em sua fé no Deus de Israel. O gesto além de espontâneo, pode ser considerado uma forma de agradecer a Deus e de partilhar em comum aquilo que é dom dado pelo Criador e fruto do trabalho do ser humano.

No Novo Testamento, a mistagogia é realizada de forma didática em que Jesus faz uma exposição da fé de Israel numa perspectiva histórica catequética, fazendo memória de tudo o que se passou na história da salvação para alimentar a fé e fazer arder os corações das pessoas que se encontram em estado de desânimo e descrença.

Essa pedagogia, deve fazer com que os homens e as mulheres possam “abrir os olhos” e conhecer a pessoa de Jesus de modo claro, não tendo a sua consciência manipulada por outras formas de demonstração de Jesus que escapam ou não se adequam a sua Pessoa exposta no contexto bíblico. A mistagogia presente no texto dos discípulos de Emaús deve proporciona aos que querem se aproximar de Jesus, um conhecimento que possa mudar a sua mentalidade ao mesmo tempo, fazer com que os corações possam sentir essa presença real e direta com o Mestre.

As visões da mistagogias na opinião do Magistério da Igreja e de estudiosos demonstram que a mistagogia está associada dimensão do sagrado, em que Jesus é o caminho que conduz ao conhecimento de Deus. Os evangelhos são o atestado claro e verídico da vida, ação, palavras e gestos de Jesus. Eles transmitem com fidelidade a pessoa de Jesus que foi memorada e partilhada na vida das comunidades, chegando até os dias de hoje por meio da Sagrada Escritura.

As duas ações principais que dão essa condição de conhecimento e seguimento de Jesus são a liturgia e a catequese, as quais mantêm estreita ligação, complementando-se outra nessa tarefa de dar a conhecer Jesus. Na liturgia se celebra a vida na pessoa de Jesus Cristo, ao ouvindo e conhecendo-o por meio da liturgia da palavra. Na liturgia eucarística, se aprofunda a dimensão da entrega, morte e ressurreição de Jesus que resgata o gênero humano e dar a possibilidade de salvação por meio do corpo e de seu sangue.

Na catequese se tem a possibilidade de conferir um aprofundamento da fé por meio de uma leitura que busque conhecer Jesus nos evangelhos, sua Pessoa e suas ações em prol da vida dos seres humanos. Através da catequese aprecia as

verdades de fé da Igreja e também a pessoa de Jesus Cristo numa perspectiva mistagógica, a qual não deve ser tomada pelo individualismo, mas deve ser vivida de modo pessoal e comunitário, dando assim, suporte a dimensão da vivência comunitária eu com Ele, Ele com nós, nós com nós e nós com Ele.

Referências

BENTO XVI, Papa. **Jesus de Nazaré**: primeira parte: do batismo no Jordão à Transfiguração. [tradução de José Jacinto Ferreira de Farias]. 11ª reimpressão, São Paulo: Planeta, 2007.

_____, **Verbum Domini** – Exortação Apostólica pós-sinodal. 3ª ed, Paulinas, 2010.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo, Paulus, 2004.

BÍBLIA TEB. São Paulo, Loyola, 1994.

BROUAD, Maurice. **Eucharistia** – Enciclopédia da Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. **Mane nobiscum domine** - Carta apostólica sobre Ano da Eucaristia outubro 2004 – outubro 2005. Disponível em: <http://paroquiasantoantoniopatos.com.br/admin/documentos/Carta-Apostolica-MANE-NOBISCUM-DOMINE-sobre-o-ano-da-eucaristia-–-Joao-Paulo-II.pdf > acesso 01 fev. 2017

KESSLER, Hans. D. Cristologia. In SCHNEIDER, Teodor. **Manual de Dogmática**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000 vol. 1. P. 219-397.

PAULO VI, Papa. **Dei Verbum** – Constituição dogmática sobre a revelação divina. 14ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

IAMMARRONE, Giovanni. Cristologia. In MERINO, José Antonio; FRESNEDA, Francisco Martinez. **Manual de teologia franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 163-207.